

No princípio, o pai era velho e não havia homem...

Nancy Cardoso Pereira

I

O texto: Gênesis 19, 30-38

- v.30- *"E subiu Ló e assentou na montanha ele e suas filhas, pois temiam assentar em Zoar e assentou na caverna ele e suas filhas.*
- v.31- *E disse a primogênita para a moça: Nosso pai está velho e não há homem na terra para ter sexo conosco segundo o costume de toda terra.*
- v.32- *Vamos dar de beber a nosso pai vinho, deitemos com ele, conservemos com vida desde nosso pai a semente.*
- v.33- *Deram de beber elas ao pai delas vinho durante a noite. Vindo a primogênita, deitou com seu pai e não notou ele, quando ela deitou e ela levantou.*
- v.34- *E aconteceu no dia seguinte e disse a primogênita para a moça: Eis deitei-me ontem com meu pai. Vamos dar de beber vinho esta noite. Entre, deite com ele. Conservemos com vida desde nosso pai a semente.*

- v.35- *Deram de beber também de novo durante a noite a ele o pai delas vinho. Entrando a moça deitou-se com ele e não notou, quando ela deitou e ela levantou.*
- v.36- *E conceberam elas as duas filhas de Ló desde o pai delas*
- v.37- *e deu à luz a primogênita um filho e chamou seu nome Moabe, é ele-meu-pai, até hoje.*
- v.38- *E a moça, também deu à luz um filho e chamou seu nome Ben-Ami, é ele meu pai-filhos-de Amon."*

II

"...no princípio o pai era velho e não havia homem..."

As mulheres conduzem toda a narrativa. Elas avaliam, decidem, planejam, executam, re-avaliam, vão até o fim pra que não haja o fim: conservar a vida.

Os limites estão claros: não há homem.

Tem o pai: velho.

Não há sexo, nem concepção, nem filho, nem povo. Não há vida.

É uma narrativa de fim-de-mundo. Memória do mundo se acabando em fogo e enxofre.

Uma outra narrativa, vai lembrar o mundo se acabando em água (Gn 6-10). Nesta o protagonismo é do homem, do agricultor. Noé e Deus conservam a vida, avaliam, planejam e executam o plano da arca nas muitas águas. A re-criação aqui vai acontecer a partir de fragmentos da antiga ordem social destruída: a família patriarcal, os homens e suas mulheres (Gn 7,7); ordem que se mantém também entre os animais, em toda carne com fôlego de vida: macho e fêmea (Gn 7,15). Passadas as águas, Deus faz aliança com Noé e seus filhos, com os homens, abençoando-os: *"Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra."* (Gn 9,1). Re-começo. A partir desses homens a história vai ter continuidade.

A narrativa de Gênesis 19, 30 a 38 é também um re-começo, mas os materiais da velha ordem não estão à disposição: na destruição de Sodoma e Gomorra também a família patriarcal e sua capacidade de vida vai ser consumida no fogo. O pai está velho. Não há homens. Nem Deus. A mãe, prisioneira da velha or-

dem/posse do pai, ficou paralisada no meio do caminho: estátua de sal (v.26). Ficam as filhas. Mulheres.

Aqui, o "gênesis" é decisão de mulheres. Fazem-se fecundas pela decisão de conservar a vida. Do pai velho, bêbado e sem consciência do que se passa, tiram o sêmen e se apropriam dele. Re-inventam a vida. Povo. Moab e Amon.

Na perícopre anterior (Gn 19,7 e 8) *as filhas* estão inteiramente ao dispor do pai; ele está disposto a oferecê-las aos homens da cidade para manter o código de hospitalidade: "e lhes disse: rogo-vos meus irmãos, que não façais mal; tenho duas filhas virgens, eu vo-las trarei; ratiái-as como vos parecer, porém nada façais a estes homens, porquanto se acham sob proteção de meu teto".

Enquanto estão dentro do esquadro patriarcal as filhas são caracterizadas como *virgens* (v.8), prometidas em casamento aos que já eram considerados *genros* (v.14), os quais não acreditaram na iminência da destruição da cidade anunciada por Ló. As filhas vão ser levadas pelo pai (v.15) ou pelos *homens* que anunciavam a destruição (v.16). Todo o protagonismo é dos homens. As mulheres são oferecidas, prometidas, levadas, protegidas.

Na perícopre do capítulo 20, as mulheres são protagonistas. É o pai que está à disposição das filhas. São elas que se apropriam do sexo do pai/homem. São sexualmente ativas sem estarem submetidas a um homem. A conversa das mulheres não gira somente em torno de sexo para procriação. Na fala do v.31, as mulheres se ressentem de não haver homem para a relação sexual. Outra expressão vai ser usada no v.32 e seguintes, quando o ato sexual se relaciona com a reprodução. Mas é sempre iniciativa das mulheres.

III

O que é preciso saber sobre sexo... para entender o texto

1) Duas palavras são usadas para ato sexual: *bv'* > entrar, chegar, vir, coabitar; *shkb* > deitar, fazer, coabitar > ejaculação > ato sexual.

As duas palavras têm uso generalizado e variado, ficando como referência indireta para sexo. É sugestiva as muitas "entradas" (163 vezes) no Gênesis; as "deitadas" aparecem menos (19 vezes), mas de

modo concentrado no cap. 19 (6 vezes). O capítulo 3 do livro de Rute é pródigo em "deitadas" (8 vezes) e "entradas" (7 vezes).

O Levítico vai se utilizar de "deitar" para condenar relações sexuais ilícitas (Lv 14; 15; 18; 20).

Em Gn 19, os termos vão se alternando e se repetindo, sendo iniciativa exclusiva das mulheres.

2) *Vinho* > tem uso variado, sendo frequente nas prescrições das ofertas. É vinculado à falta de entendimento e forte sensualidade: Os 4,11; Ct 1,2-4; 2,4; 4,10; 5,1; 7,10; 8,2; Gn 9, 21. Nos textos de Ester 1,10 e Judite 12,10ss, o *vinho* é explicitamente vinculado ao sexo, funcionando como estimulante da atividade sexual masculina.

3) *Relações sexuais ilícitas*- segundo o Levítico 18 está proibida a relação sexual com o pai: "não descobrirás a nudez de teu pai e de tua mãe" (v.7). A introdução deste capítulo apresenta como razão da proibição de relações incestuosas o "não fazer como as outras nações" (v.3), tratando assim de garantir para Israel uma origem mais *digna* que a de outros povos. Entretanto, existem alguns textos que registram a memória de relações duvidosas como na relação de adultério/incesto de Judá e Tamar (Gn 38).

IV

Incesto pode? Qual é a moral da história?

Voltemos ao texto de Gênesis 19. Incesto pode?

O texto faz questão de anular o pai. No v.30, Ló ainda toma iniciativa, mas sempre escoltado pelas *filhas*. Do v.31 em diante, são *elas* que assumem o controle da situação: Ló não *nota/percebe* o que acontece.

Na primeira parte do cap.19, Ló avalia *Zoar* como uma cidade pequena e segura. A partir do v.30, *Zoar* vai ser caracterizada como lugar de risco o que obriga Ló e as filhas a habitarem numa *caverna*.

Quando o texto passa para a *montanha/caverna*, é que as mulheres assumem a iniciativa das ações e da narrativa como um todo. Seria assim como o *deserto* nas narrativas sobre Hagar (Gênesis 16,7): lugar do protagonismo de mulheres. *Deserto, montanha, caverna*: longe do mundo do pai, a possibilidade do re-começo a partir da capacidade criativa do corpo de mulher que assume o controle da reprodução e da organização social.

O texto é bastante repetitivo. Os gestos se repetem num consenso de atitudes entre as duas mulheres ficando evidente a liderança da *primogênita/a moabita*.

O texto bíblico conhece outra moabita... que conserva a vida desde um homem velho (Rute 3,10) - um outro homem que não se dá conta do que acontece naquela noite de coração alegre e bebida (Rute 3,7). Da iniciativa da moabita Rute se *restaura/conserva* a vida (Rute 4,14). Seria possível aproximar a memória dessas duas mulheres? A memória das duas fala de vida e de povo, sem precisar das barreiras do *pai* e da *raça*.

Não seria um re-começo? Uma outra *Gênese*?

Gottwald vai apontar para "um aspecto que desperta particular interesse das tradições dos antepassados é a proeminência das mulheres no meio delas... os grupos que preservaram as tradições dos antepassados eram chefiados por homens, mas possuíam mulheres muito fortes que eram consideradas como atores (sic!) vigorosos na esfera doméstica".¹

As mulheres do Gênesis estão numa moldura patriarcal, mas são lembradas por seu protagonismo, iniciativa e vigor na esfera doméstica que, nesta conjuntura, não deve ser entendida de modo restrito e sim como espaço fundamental de relações de poder estruturantes da vida familiar, comunitária e de afirmação dos grupos tribais/povo. O gerenciamento por parte das mulheres dos processos reprodutivos deve ser articulado com os processos produtivos constitutivos da vida das famílias, o que precisa ser melhor avaliado a partir dos mitos de origem de povos (Hagar/Ismael; filhas de Ló/Moabe e Amon; Raquel e Lia/filhos-tribos de Jacó e outros).

O paralelo com as narrativas de Noé continua: de seus filhos vão sair os povos vizinhos de Israel, entre eles Canaã. Noé se embriaga e fica nu dentro de sua tenda (Gn 9, 21). O filho Canã vê a nudez do pai e conta a seus irmãos. "Ver a nudez" do pai, segundo o Levítico 20,11, é "deitar com a mulher do pai". Por isso, Canã vai ser maldito, e assim se justifica a relação de inimizade e servidão com os irmãos. Canã é Canaã, filho de uma relação maldita: povo maldito.

O texto de Gênesis 19, 30 a 38 também diz da origem de dois povos inimigos de Israel: Amon e Moab. A primeira leitura deixa clara a intenção de marcar esses dois povos como frutos de relações duvidosas. Seria esse um modo de resistência por parte de Israel

no confronto com inimigos que, também por parte dos profetas, vão receber críticas e condenação (p. ex., Amós 1,13; 2,1-3).

Mas, pra lá do texto, a memória se mantém simpática com as mulheres e suas atitudes. Diferente da memória de Cam, a narrativa vai tecendo um quê de solidariedade com as atitudes das duas mulheres. Não há nenhuma referência sobre pecado ou maldição. A narrativa insiste na necessidade de conservação da vida. O que parece provável, é que a pesquisa tratou de emoldurar com os tabus relativos a incesto, o texto de Gênesis 19,30ss, que, nele mesmo, não apresenta qualquer julgamento de valor a respeito da atitude das mulheres. A memória de fundo é afirmativa e solidária para com amonitas e moabitas, pelo menos com mulheres.

O incesto planejado e executado pelas filhas de Ló tem de ser tratado e avaliado dentro dos condicionantes culturais e históricos, mantendo-se a positividade da memória fundante dos dois povos. O importante é a capacidade de discernimento, avaliação e decisão das mulheres que superam os limites do mundo patriarcal. A conservação da vida depende da capacidade de decisão das duas mulheres, ficando a discussão ético-moralista sobre incesto subordinada a este protagonismo.

Na história de Israel, a iniciativa de mulheres, tanto no que diz respeito à sexualidade como no controle da capacidade reprodutiva, vai ser comprometida quando da passagem do tribalismo para a monarquia. O estado monárquico vai precisar alterar não só os processos produtivos como também reprodutivos, para estabelecer os mecanismos tributários. Seria este, então, o pano de fundo para a denúncia profética do livro de Oséias, onde os oráculos apontam para a não-concepção como atitude de resistência e subversão da política do estado: "Quanto a Efraim, a sua glória voará como ave; não haverá nascimento, nem gravidez, nem concepção... Dá-lhe, ó Senhor; que lhes darás? Dá-lhes um ventre estéril e seios secos" (Os 9, 11.14).

Neste sentido, a profecia de Oséias seria a expressão da luta de mulheres na resistência contra os desmandos do estado nas relações de sexo e de procriação. A profecia aqui articulava o protagonismo das mulheres na negação da gravidez e da concepção (cf. o ensaio de Tânia Mara Vieira Sampaio nesta revista). O profetismo aqui é porta-voz de Gômer, da luta das mulheres para continuarem como protagonistas das dinâmicas da sexualidade e da reprodução.

GOTTWALD, Norman, *Introdução Sócio-Literária à Bíblia Hebraica*, Paulina, São Paulo, 1988. p.174.

V

Implicações pastorais e teológicas

Ler a Bíblia com os olhos e a atenção nas relações entre os homens e as mulheres. Mais que isso... ler os sentidos que vão assumindo o sexo e o prazer, o sexo e a procriação, o sexo e a vida, o sexo e a cultura.

A vivência da sexualidade é dinâmica estruturadora da vida social. Não é dinâmica exclusiva. Participa, juntamente com tantas outras, do jeito de organizar a vida, as prioridades, as propriedades, os poderes, os saberes, os querer.

Para isso, é preciso aprender a ler as palavras do corpo na sua interação com as coisas. O corpo de mulher e o corpo de homem, o corpo de criança, o corpo na velhice tem movimentos diversos, circunscreve lógicas próprias que interagem e se precisam. Ou se excluem e se violentam. Identificar estas lógicas, palavras e movimentos dos corpos em relação talvez ajude a perceber as memórias bíblicas em sua dinâmica coletiva e não só no registro interpretativo patriarcal.

De modo especial este resgate hermenêutico conversaria com os movimentos de mulheres e suas lutas, em especial no que diz respeito à re-apropriação e controle do que somos capazes de produzir, tanto a nível simbólico (o sagrado, as divindades, os fins e os começos...) como na concreticidade do trabalho reprodutivo, entendido de modo amplo e orgânico.

O trabalho com a Bíblia a partir da fidelidade para com as lutas das mulheres tem, entre as suas motivações, impedir que os preconceitos e os condicionamentos éticos machistas se perpetuem para dentro do texto e da memória do povo de Deus. Neste sentido, no que diz respeito à discussão sobre direitos reprodutivos e aborto, a Bíblia não pode mais ser refém de discursos pretensamente defensores *da vida* de modo absoluto e generalizado que se sustentam sobre modelos éticos particulares e conjunturais.

O que sim salta aos olhos e merece ser re-afirmado, é o protagonismo das mulheres e seu direito de decisão sobre seu corpo como expressão política fundamental da vida da comunidade/do povo. Este protagonismo é parte constitutiva da memória libertadora do povo de Deus por toda a Bíblia, texto e vida, e deve iluminar nossas reflexões e posturas na busca de políticas populacionais dignas e justas.

1994

